

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

ENSINO DE FILOSOFIA COMO CAMPO DE CONHECIMENTO¹

Brevíssimo estado da arte

Patrícia Del Nero Velasco
UFABC
PROF-FILO

RESUMO: O presente artigo pretende apresentar algumas ações e produções que permitem, segundo nosso entendimento, afirmar que já há, no Brasil, o delineamento de um campo de conhecimento em/sobre Ensino de Filosofia. Para tanto será mapeado o estado da arte na área em questão, restringindo-o – dada a impossibilidade de cobrir um escopo maior – às publicações daqueles/as formalmente vinculados/as ao Grupo de Trabalho (GT) *Filosofar e Ensinar a Filosofar* da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF).

Palavras-chaves: Ensino de Filosofia; Campo de Conhecimento; Estado da Arte; GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar*.

ABSTRACT: The present article intends to present some actions and productions that allow us to affirm that there is already, in Brazil, the outlining of a field of knowledge in/on Teaching Philosophy. For this, the state of the art will be mapped in the area in question, prioritizing – given the impossibility of covering a larger scope – the publications of those who are formally linked to the Working Group (WG) *Philosophizing and Teach to Philosophizing* of the Brazilian National Association of Graduate Studies in Philosophy (ANPOF).

Keywords: Philosophy Teaching; Field of Knowledge; State of Art; *WG Philosophizing and Teach to Philosophizing*.

¹ As ideias apresentadas neste artigo foram desenvolvidas no âmbito do LaPEFil – Laboratório de Pesquisa e Ensino de Filosofia (CNPq/UFABC) e são resultado do projeto de pós-doutorado “A constituição do Ensino de Filosofia como campo de conhecimento: mapeamento da área na década de 2008 a 2018” (Chamada CNPq Nº 22/2018 - Bolsas Especiais no País e Exterior; Processo: 148901/2018-2).

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

Introdução

Se na segunda metade da década de 1950 o Ensino de Filosofia não figurava como tema de pesquisa, salvo por algumas produções pontuais – como os textos de Jean Maugüé, “O ensino da filosofia: duas diretrizes” (publicado na Revista Brasileira de Filosofia, em 1955²) e de João Cruz Costa, “A situação do ensino filosófico no Brasil” (publicado em 1959) –, o mesmo não se pode afirmar cerca de sessenta anos depois. E os últimos dez anos foram cruciais para essa mudança, visto que ainda no ano 2000 Gallo e Kohan (2000, p. 7) afirmavam que “a produção filosófica sobre ensino de filosofia, entre nós, ainda é praticamente nula”.

Na história da filosofia, as discussões de perguntas como “O que é Filosofia?”, “Qual o valor formativo da Filosofia?” e “Seria possível uma didática geral?” foram enredadas às demais temáticas e conceitos dos/as filósofos/as que as trabalharam, sendo indissociáveis das teorias e do contexto mais amplo de suas obras. A máxima kantiana “não se ensina filosofia, apenas a filosofar”, por exemplo, só pode ser entendida dentro do escopo da obra de Kant, dos conceitos de “conhecimento racional” e “conhecimento histórico”, da diferenciação entre filosofia e ciência etc. A questão do ensino em Kant, portanto, não está desvinculada dos demais problemas discutidos pelo autor³.

Todavia,

a tradição universitária brasileira usualmente considera as questões do Ensino de Filosofia como de ordem exclusivamente pedagógica; nos cursos de formação de professores, estabelece-se uma nítida cisão entre as disciplinas filosóficas (aquelas que tratam de temas, das grandes áreas e da história da Filosofia – e costumam ser compartilhadas com o Bacharelado) e as disciplinas educacionais, as quais versam sobre didática, políticas educacionais, psicologia da educação e práticas de ensino – sendo ministradas, geralmente, para discentes de várias licenciaturas. Os temas e problemas filosóficos não costumam ser considerados, nos cursos de graduação em Filosofia, em relação com suas implicações e seus direcionamentos para o ensino. (VELASCO, 2019, p. 77-78)

Há de se pontuar que as pesquisas sobre Ensino de Filosofia vem sendo feitas no Brasil desde a década de 1990, por nomes como Dalton José Alves, Elisete Tomazetti,

² Vale lembrar que este texto foi originalmente publicado no Anuário da Faculdade de Filosofia da USP (1934/1935).

³ Sobre o exemplo dado, conferir o capítulo de Lidia Maria Rodrigo intitulado “Aprender filosofia ou aprender a filosofar: a propósito da tese kantiana” (2004, p. 92).

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

Leoni Henning, Marcos Lorieri, Silvio Gallo, Walter Kohan, entre outros/as. Pesquisas estas que questionam a supra referida formação de professores/as de Filosofia, reivindicando a consideração do ensino sob a perspectiva filosófica e a integralidade das licenciaturas enquanto cursos de graduação. Mas além dos esforços dos/as pesquisadores/as da área, outros fatores foram decisivos para que mudanças significativas fossem feitas nos cursos de licenciatura em Filosofia: a obrigatoriedade da disciplina Filosofia no Ensino Médio⁴ e os Programas de Formação de Professores da Educação Básica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁵.

Na última década, alavancadas por esses supracitados fatores, as produções cresceram de modo vertiginoso, assim como se abriram perspectivas outras para a área. Embora seja preciso um estudo mais amplo e rigoroso sobre o assunto, o presente artigo defende que já há, no Brasil, um campo de conhecimento que podemos intitular de *Ensino de Filosofia* ou *Filosofia do Ensino de Filosofia*, o qual abarca produções bibliográficas e técnicas localizadas na interface entre a Filosofia e seu ensino. Algumas ações sinalizam neste sentido, como será explorado na sequência.

Coleções, revistas, eventos, PROF-FILO e iniciativas ANPOF: a área de Ensino de Filosofia já tem uma história

Desde o final da década de 1990 editoras de prestígio na área de Filosofia criaram coleções voltadas para a Filosofia e seu ensino, como a *Coleção Filosofia na Escola* (Vozes) e a *Coleção Filosofia e Ensino* (UNIJUÍ); na década de 2000, foram também lançadas as coleções *Filosofar é Preciso* (Loyola) e *Ensino de Filosofia* (Autêntica). Ademais, cresceu enormemente a produção de livros didáticos e paradidáticos de Filosofia. Uma amostra disso são as obras aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD): se o guia de 2015 trazia cinco livros para o

⁴ Cf. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, que altera o artigo 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (no qual as diretrizes e bases da educação nacional foram estabelecidas), incluindo as disciplinas Filosofia e Sociologia como obrigatórias nos currículos do Ensino Médio.

⁵ Cf. as ações da Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB/CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

componente curricular Filosofia, a edição de 2018 indicou oito títulos para escolha dos professores do Ensino Médio⁶.

Nos últimos anos, os periódicos da área de Filosofia acolheram com mais assiduidade artigos de Ensino de Filosofia⁷, criando, inclusive, dossiês temáticos sobre o assunto (cf., por exemplo, o Dossiê *Filosofia e Educação / Filosofia e Ensino* da *Revista Sofia*, v. 6, n. 3 (2017), a edição especial *Filosofia no Ensino Médio* da *Revista Kínesis*, v. 10, n. 24 (2018) e o número especial sobre Ensino de Filosofia da revista *O que nos faz pensar*, v. 28, n. 44 (2019)).

Algumas revistas trazem de forma bastante regular textos de Ensino de Filosofia. Dentre elas, destacam-se a *Revista Sul-americana de Filosofia e Educação* (UnB), a *Revista Educação e Filosofia* (UFU) e a *Revista Filosofia e Educação* (Unicamp). Por serem revistas na interface entre Filosofia e Educação, como os títulos indicam, os trabalhos sobre Ensino de Filosofia são mais facilmente contemplados do que nas revistas em que não há a interface mencionada.

Buscando justamente sediar artigos, relatos de experiência (gênero extremamente caro à área de Ensino, mas dificilmente admitido em periódicos de Filosofia), resenhas e entrevistas sobre Ensino de Filosofia, foram criadas nos últimos anos três revistas exclusivamente da área: *Revista do NESEF Filosofia e Ensino* (UFPR), *Revista Digital de Ensino de Filosofia – REFilo* (UFSM) e a *Revista Estudos de Filosofia e Ensino –EFE* (PPFEN/CEFET), ora inaugurada.

Além das publicações, deve-se mencionar o número expressivo de eventos realizados, dos quais se podem destacar os seguintes: *Colóquio Internacional de Filosofia da Educação* (CIFE) (9ª ed./2018), *Simpósio Internacional em Educação e Filosofia* (SIEF) (8ª ed./2019), *Congresso Internacional da Sociedade de Filosofia da Educação dos Países de Língua Portuguesa* (SOFELP) (7ª ed./2019) e *Congresso Latino-americano de Filosofia da Educação* (ALFE) (5ª ed./2019). Como os nomes

⁶ Para acesso aos Guias, cf. Brasil (2014; 2017). Para uma problematização das definições e justificativas da Filosofia como disciplina presentes nos livros didáticos aprovados pelo PNLN de 2015, cf. La Salvia (2018). O artigo mostra, com inúmeros exemplos, que há pressupostos filosóficos nos livros didáticos.

⁷ Sobre o modo como o pensamento sobre Ensino de Filosofia se constituiu no espaço acadêmico das pesquisas, no período de 1934 a 2008, cf. Gelamo (2010); para a compreensão da formação discursiva nas produções sobre Ensino de Filosofia, de 1930 a 1968, cf. Perencini (2017).

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

sugerem, os eventos em questão são da área de Filosofia da Educação, a qual, embora pertença à área de Educação nas principais agências de fomento⁸, acolhe trabalhos da temática-cerne deste artigo.

Ademais, há que se fazer menção aos eventos criados especificamente para discutir o Ensino de Filosofia, tais como: *Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia* (2000; 2012); *Simpósio Sul-Brasileiro sobre Ensino de Filosofia* (2001-2010); *Simpósio sobre Ensino de Filosofia* (SIMPHILO) (2007, 2009, 2013); *Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Filosofia e Filosofia da Educação* (ENPEFFE) (2011-2013); *Jornada de Ensino de Filosofia de Caicó* (JENFIC) (desde 2011); *Simpósio Estadual sobre o Ensino de Filosofia* da UERN (SIMPHILO) (desde 2011); *Seminário de Filosofia* promovido pela UFAM (desde 2011); entre outros.

Sobre os eventos na área de Ensino de Filosofia, faz-se necessário aludir, igualmente, ao *Encontro Nacional PIBID-Filosofia*, o qual consiste – como afirmam as organizadoras da edição de 2015⁹ na Apresentação do Livro do II Encontro –,

[em] um espaço de compartilhamento das atividades realizadas pelos diferentes projetos do PIBID da área de Filosofia em todo o Brasil, propiciando a almejada troca de experiências, a possível reelaboração ou ampliação das proposições realizadas no ensino básico, [...] fortalecendo o vínculo entre as universidades de ensino participantes do evento [...] e colaborando para as problematizações do Ensino de Filosofia como objeto de reflexão e pesquisa filosóficas – problematizações que permanecem extremamente caras no cenário político-educacional vigente. (CILENTO; PEREIRA; VELASCO, 2017, p. 16-18)

O PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, é um dos programas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para a Educação Básica. Nos últimos anos a CAPES instituiu diversos destes programas, como o PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, o Prodocência – Programa de Consolidação das Licenciaturas (já desativado), o Programa de Residência

⁸ Historicamente, pela ausência de abertura da área de Filosofia às temáticas educacionais, a Filosofia da Educação se constituiu, institucionalmente, como subárea da Educação.

⁹ A edição pioneira do encontro em questão ocorreu na UFES (Vitória, Espírito Santo), em 2013; a UFABC (São Bernardo do Campo, São Paulo) sediou a segunda edição do evento, em 2015; o III Encontro Nacional PIBID-Filosofia aconteceu em 2017, na UFRN (Natal, Rio Grande do Norte).

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

Pedagógica e o ProF Licenciatura – Programa de Fomento à Formação de Professores da Educação Básica, ações que integram a já mencionada Política Nacional de Formação de Professores e que causaram mudanças significativas nos cursos de Licenciatura em Filosofia. Embora sejam programas de formação docente, em seu bojo há um número significativo de pesquisas sobre Ensino de Filosofia – tanto de cunho acadêmico quanto oriundas da atividade docente¹⁰.

Cabe reportar também um evento relacionado ao Ensino de Filosofia que é destinado prioritariamente a estudantes da Educação Básica, a saber, o movimento olímpico em Filosofia. Com o intuito de fomentar o interesse dos jovens pela Filosofia, em 1995 a UNESCO – em seu Programa “Filosofia e Democracia no Mundo” – aconselhou a promoção das Olimpíadas de Filosofia, nacionalmente e internacionalmente. As Olimpíadas de Filosofia consistem na realização de atividades didáticas de cunho filosófico a partir de um tema geral. Estas atividades têm início nas escolas e culminam em uma apresentação em evento estadual.

Diversos países da América Latina, como Argentina, Chile, Colômbia, Paraguai, Peru e Uruguai, realizam periodicamente as atividades olímpicas na área. No Brasil, essa tradição teve início em 2008, no Rio Grande do Sul. No Estado de São Paulo, a primeira edição das Olimpíadas ocorreu em 2011 (<https://olimpiadadefilosofiasp.wordpress.com/>)¹¹, ano em que aconteceu também a edição pioneira das *Olimpíadas do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino de Filosofia* – NESEF, no Paraná¹²; o Estado do Rio de Janeiro, que já havia sediado a *III Olimpíada Latino-americana de Filosofia* em Petrópolis, em 2012, organizou a primeira edição estadual no ano subsequente (cf. <https://www.youtube.com/watch?v=MxgBchIyQ-4>), contando com a presença do professor Maurício Langón, idealizador das olimpíadas uruguaias que ocorrem desde 1999 (as quais servem de inspiração para a prática não competitiva adotada no Brasil).

¹⁰ Sobre a pesquisa do professor de filosofia no ensino médio, cf. Guimarães (2013).

¹¹ Para um registro das primeiras edições das olimpíadas paulistas e uma reflexão sobre as relações entre os objetivos das Olimpíadas de Filosofia e os sentidos do ensino-aprendizagem da Filosofia na Educação Básica, cf. Velasco (2014).

¹² Para a problematização das possibilidades de aprendizagem filosófica no Ensino Médio a partir da realização das Olimpíadas de Filosofia do NESEF, ocorridas de 2011 a 2015, cf. Mendes & Horn (2015).

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

Ainda sobre os eventos na área de Ensino de Filosofia, deve-se fazer menção especial àqueles realizados no âmbito da ANPOF – Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia: os encontros do Grupo de Trabalho (GT) *Filosofar e Ensinar a Filosofar* (sobre o qual falaremos mais detidamente na próxima seção) e os encontros nacionais ANPOF Ensino Médio¹³, nos quais professores da Educação Básica relatam suas experiências¹⁴. Segundo o prof. Christian Lindberg Nascimento (UFS), um dos organizadores do IV Encontro, em 2018 40 trabalhos foram aceitos para serem apresentados na ANPOF Ensino Médio (EM) e 28 foram encaminhados para as sessões temáticas do XVIII Encontro Nacional da ANPOF intituladas *Filosofia e Ensino e Ensino Médio*. Um número quase cinco vezes maior do que o do evento anterior, para o qual foram submetidos 28 trabalhos, sendo que, destes, 13 foram aceitos para a ANPOF EM e 2 foram encaminhados para a sessão temática *Ensino de Filosofia*.

Em sua página virtual, a Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia também reserva lugar para discussões sobre Ensino de Filosofia. Um exemplo disso é o espaço intitulado Fórum de Debates (cf, por exemplo, os vários textos que compõem o debate “A ANPOF e o Ensino Médio”¹⁵). As discussões ocorridas durante a programação dos encontros nacionais, desde 2012, foram imprescindíveis para o amadurecimento de outra iniciativa fundamental à área de Ensino de Filosofia, a saber, a criação do PROF-FILO – Mestrado Profissional em Filosofia. Aprovado em 2016 pela CAPES, o PROF-FILO é um programa de pós-graduação *stricto sensu* em rede nacional, voltado a professores de Filosofia da Educação Básica¹⁶. Com cerca de 300 discentes matriculados anualmente (considerando que a cada ano são duas as turmas em andamento),

¹³ Cf.: <http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/2013-11-25-22-46-01/iv-encontro-nacional-anpof-ensino-medio>. Acesso: 11 jul. 2019.

¹⁴ A cada edição da ANPOF Ensino Médio há, igualmente, um simpósio voltado para a interação entre pós-graduação e formação de professores.

¹⁵ Disponível em: <http://www.anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/forum-anpof/category-items/4-community-forum/131-a-anpof-e-o-ensino-medio>. Acesso: 11 jul. 2019.

¹⁶ Para uma apresentação do histórico de criação e de alguns dados do programa, assim como para uma discussão sobre a natureza profissional deste último, cf. Velasco, 2019. Deve-se lembrar que o programa de mestrado profissional pioneiro na área foi criado em 2015, intitula-se *Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino* (PPFEN) e é ofertado pelo CEFET-RJ.

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

o Mestrado Profissional em Filosofia alterou significativamente o número de profissionais que pesquisam o Ensino de Filosofia vinculados a programas de pós-graduação em Filosofia. Para se ter um exemplo, dos/as 45 professores/as que constituem os núcleos de sustentação e apoio do GT da ANPOF *Filosofar e Ensinar a Filosofar*, 11 são pesquisadores/as em programas de pós-graduação em Educação. Com o PROF-FILO, outros/as 14 pesquisadores/as passaram a integrar os diversos núcleos do programa e, cabe lembrar, 4 outros/as professores/as estão vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino (PPFEN) do CEFET-RJ.

Nos dois primeiros anos de vigência do PROF-FILO, contabilizam-se 160 docentes credenciados/as nos 16 núcleos ativos do PROF-FILO. (VELASCO, 2019, p. 92)

Não obstante o Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino e o Mestrado Profissional em Filosofia, pode-se dizer que o local de concentração de pesquisadores/as da área de Ensino de Filosofia no Brasil é o já referido GT da ANPOF *Filosofar e Ensinar a Filosofar* (<http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/gt-filosofar-e-ensinar-a-filosofar>). Entre a fundação da Associação, em 1983, e a criação do GT em questão, em 2006, foram necessários mais de vinte anos. A resistência dos pesquisadores dos programas de pós-graduação em considerar como pesquisa filosófica as investigações no âmbito do Ensino de Filosofia certamente foi decisiva nesse processo. Apesar da referida resistência, o GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar* teve um significativo crescimento a cada edição da ANPOF. Segundo os organizadores do livro *Filosofar e ensinar a filosofar*, da Coleção ANPOF,

em sua primeira reunião (2006) o GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar* contou com 14 trabalhos selecionados. Dez anos depois, no XVII Encontro Nacional da ANPOF (Aracajú-2016), a área contou com a apresentação de 39 trabalhos no GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar*, 40 trabalhos na Sessão Temática (ST) *Filosofia e Ensino*, 11 trabalhos na ANPOF-Ensino Médio, além de 5 minicursos em torno da temática *Ensino de Filosofia* (ALENCAR et al, 2017, p. 10).

Para o IV Encontro do GT, realizado em Campina Grande, em 2017, o então coordenador, prof. Silvio Carneiro (UFABC), afirma que foram aceitas 54 comunicações das 77 propostas submetidas. Já os números do encontro de 2018 são bastante expressivos do crescimento em questão: somando-se as apresentações no GT (47¹⁷), nas Sessões Temáticas *Filosofia e Ensino* (93) e *Ensino Médio* (19) e na ANPOF *Ensino Médio* (40), tem-se 199 pesquisas apresentadas na área de Ensino de Filosofia.

¹⁷ De um total de 63 propostas submetidas.

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

Considerando que o XVIII Encontro Nacional da ANPOF contou com aproximadamente 2.000 comunicações, pode-se afirmar que a área representou cerca de 10% de todo o evento.

Os números supracitados, contudo, ainda não impactaram na presença de linhas de pesquisa em/sobre Ensino de Filosofia nos mestrados acadêmicos, restando a esse, além da abordagem “profissional” propiciada pelos mestrados dessa natureza¹⁸, ser acolhido pelos programas acadêmicos de Educação, em linhas de Filosofia e História da Educação.

A despeito da falta de reconhecimento do Ensino de Filosofia como tema e problema de pesquisa, um brevíssimo estado da arte permite identificarmos a existência de um campo de conhecimento no Brasil. Dadas as dimensões geográficas e os cerca de 160 docentes credenciados/as no PROF-FILO (além dos/as 18 professores/as do PPFEN), o presente artigo restringiu a pesquisa ao mapeamento das produções bibliográficas dos/as 45 participantes do GT da ANPOF *Filosofar e Ensinar a Filosofar*: 24 membros do núcleo de sustentação¹⁹ e 21 no núcleo de apoio²⁰), os/as quais – segundo essa filiação – são pesquisadores/as da área de Ensino de Filosofia.

¹⁸ Há dois programas profissionais, já mencionados neste artigo, em vigência no Brasil: o *Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino* (PPFEN) do CEFET-RJ, e o *Mestrado Profissional em Filosofia* (PROF-FILO), em rede nacional.

¹⁹ Fazem parte do núcleo de sustentação do GT: Adriana Mattar Maamari (UFSCar); Alessandro Pimenta (UFT); Alexandre Jordão Baptista (UFMA); Christian Lindberg (UFS); Dante Augusto Galeffi (UFBA); Elisete Medianeira Tomazetti (UFSM); Filipe Ceppas (UFRJ); Flávio José de Carvalho (UFCG); Joana Tolentino (Colégio Pedro II); José Benedito de Almeida Júnior (UFU); Junot Cornélio Matos (UFPE); Leoni Maria Padilha Henning (UEL); Marcelo Senna Guimarães (UNIRIO); Marcos de Camargo von Zuben (UERN); Marta Vitória de Alencar (EA/USP); Patrícia Del Nero Velasco (UFABC); Paula Ramos de Oliveira (UNESP); Pedro Erginaldo Gontijo (UnB); Renata Pereira Lima Aspis (UFMG); Renato Nogueira dos Santos Jr. (UFRRJ); Roberto Rondon (UFPB); Rosely Cabral Giordano (UFPA); Silvio Ricardo Gomes Carneiro (UFABC); Wanderson Flor do Nascimento (UnB).

²⁰ Integram o núcleo de apoio do GT: Américo Grisotto (UEL); Antonio Edmilson Paschoal (UFPR); Dalton José Alves (UNIRIO); Edgar Lyra (PUC-RJ); Geraldo Balduino Horn (UFPR); Giselle Dalva Seco (UFRGS); Humberto Aparecido de Oliveira Guido (UFU); Ivan Maia de Mello (UNILAB); Márcio Danelon (UFU); Marcos Antônio Lorieri (Uninove); Pedro Ângelo Pagni (UNESP); Rodrigo Barbosa Lopes (UNESP); Rodrigo Pelloso Gelamo (UNESP); Ronai Rocha (UFSM); Sérgio Augusto Sardi (PUC-RS); Silvio Donizetti de Oliveira Gallo (Unicamp); Simone Freitas da Silva Gallina (UFSM); Sonia Maria Ribeiro de Souza (UNIP); Wanderley José Deina (UTFPR); Walter Omar Kohan (UERJ); Walter Matias Lima (UFAL).

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

Alguns dos números obtidos nesse mapeamento serão apresentados e analisados na seção precedente.

GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar*: notas sobre as produções bibliográficas

Coletaram-se, a partir do Currículo Lattes de cada membro do GT, artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos completos publicados em anais de eventos. Os acervos individuais foram enviados aos/às pesquisadores/as, de forma que pudessem revisar o arquivo, incluindo e/ou excluindo dados. Os currículos foram examinados a partir de palavras-chave relacionadas à área, como Ensino de Filosofia, Ensino, Ensino-Aprendizagem, Educação Filosófica etc. Alguns membros do GT deixaram em seus respectivos arquivos exclusivamente produções relacionadas (ou de interesse imediato) ao Ensino de Filosofia; outros/as, de acordo com suas perspectivas de interface da área, consideraram o leque mais amplo de produções, incluindo títulos da grande área de Educação; outros ainda não retornaram o contato e, portanto, alguns acervos não foram revisados por seus autores e autoras.

Vejamos, item por item, os números de publicações dos membros do GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar*, analisando comparativamente as décadas de 1997-2007 e 2008-2018 – demarcadas pela obrigatoriedade da Filosofia como disciplina do Ensino Médio.

Ano	Projetos pesquisa		Projetos Extensão		Projetos Ensino		Artigos	Livros	Capítulos	Trabalhos completos
	c/f*	s/f*	c/f	s/f	c/f	s/f				
2018	4	2	4	1	2	0	26	5	22	6
2017	1	8	1	0	0	1	31	10	33	5
2016	0	6	0	1	0	0	30	9	26	7
2015	5	3	2	0	0	0	41	11	31	12
2014	6	5	3	2	5	1	24	14	35	24
2013	5	5	5	4	0	0	19	9	47	21
2012	6	5	1	3	1	1	30	10	28	18

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

2011	4	7	3	0	4	0	33	8	21	25	
2010	4	5	1	1	2	0	25	7	39	13	
2009	4	1	3	1	0	0	16	11	24	26	
2008	6	4	1	0	0	0	22	6	26	22	
Subtotal	45	51	24	13	14	3	297	100	332	179	
2007	10	2	2	0	0	0	15	6	22	17	
2006	4	1	0	0	0	0	13	0	29	16	
2005	4	2	0	0	0	0	8	2	13	8	
2004	1	1	0	1	0	0	14	11	24	26	
2003	2	1	1	0	0	0	7	1	11	7	
2002	0	1	1	0	0	0	12	4	14	10	
2001	2	0	2	0	0	0	5	3	3	4	
2000	0	1	0	0	0	0	5	9	12	3	
1999	0	1	0	0	0	0	6	5	7	1	
1998	0	1	0	0	0	0	7	0	1	0	
1997	0	1	1	0	0	0	5	1	0	0	
Subtotal	23	12	7	1	0	0	97	42	136	89	
Total	68	63	31	14	14	3	394	142	468	271	
Final	131		45			17		394	142	468	271

Tabela 1. Número de publicações do GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar* (1997-2007; 2008-2018)

*c/f e s/f: respectivamente, com e sem financiamento

Nota-se que na primeira década analisada (1997-2007) foram publicados 336 produtos e na segunda (2008-2018), 808, totalizando 1.144 produções em vinte anos. Destas, 70,63% estão concentradas nos últimos 10 anos. Em outras palavras, na última década publicamos 2,4 vezes mais que na anterior. Quanto à natureza das publicações – considerando artigos, capítulos e trabalhos completos em anais de eventos – a porcentagem de capítulos permaneceu praticamente a mesma (40,47% e 41,09%); e assistiu-se a uma pequena migração da porcentagem de trabalhos completos para

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

artigos: em 1997-2007, os artigos representavam 32,14% e os trabalhos, 27,38%; em 2008-2018, 36,75% e 22,15%, respectivamente. Supõe-se que essa alteração tenha se dado, em grande medida, pelas pontuações dos programas de pós-graduação, uma vez que a avaliação de artigos costuma pontuar mais do que a de trabalhos completos publicados em anais de eventos.

Os números de artigos são bastante expressivos do crescimento da área. Se de 1997 a 2007 foram publicados 97 artigos, na década seguinte produziu-se 200 artigos a mais, ou seja, 297 – uma quantidade 3,06 vezes maior.

O número de publicações de livros, por sua vez, foi 2,38 vezes maior de 2008 a 2018. E, deve-se frisar, que apenas um dos pesquisadores do GT, prof. Silvio Gallo, é autor de livro aprovado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Assim, há que se considerar que há inúmeras outras obras publicadas depois da obrigatoriedade da Filosofia nas escolas (entre livros didáticos e paradidáticos) que não estão aqui computadas. Dentre elas, várias das coleções citadas no início do presente artigo.

Sem dúvida, o formato “capítulo de livro” é o eleito na área: são 468 capítulos nos 20 anos aqui considerados (contra 394 artigos, 142 livros e 271 trabalhos em periódicos). Destes 468, 70,94% foram publicados nos últimos dez anos, o que representa um aumento significativo de cerca de 2,44 vezes mais publicações de capítulos com relação ao primeiro período.

Embora tenhamos comentado anteriormente que o formato “trabalho completo publicado em anais de evento” foi em parte substituído pelo formato “artigo”, ainda temos publicado dessa forma: são 271 trabalhos ao todo, sendo que 66% dizem respeito à década 2008-2018 e, em números absolutos, publicamos exatamente duas vezes mais trabalhos completos na década em questão com relação à anterior.

Dos 131 projetos de pesquisa coletados, 51,9% foram financiados; mas este quadro não se mantém se analisarmos por décadas: de 1997 a 2007, 65% dos projetos eram financiados; na década seguinte, apenas 46,87%. Esta queda talvez seja explicada pelo fato de que, no primeiro período, os projetos estavam concentrados basicamente em poucos coordenadores, dos quais figuravam os/as hoje bolsistas produtividade (PQ) da área de Educação: Elisete Tomazetti; Pedro Pagni; Silvio Gallo; Walter Kohan. Na

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

década 2008-2018, contabiliza-se um maior número de proponentes de projetos, dos quais apenas um novo nome, Antonio Edmilson Paschoal, é bolsista PQ.

Com relação aos projetos de extensão, temos que 68,89% foram financiados se considerarmos as duas décadas; separadamente, os números também se alteram: no primeiro período 87,5% foram financiados; no segundo, 64,86%.

Já os números dos projetos de ensino (e outros) são um pouco distintos dos anteriores, visto que só passam a figurar nos currículos dos/pesquisadores/as a partir de 2010. Isso se deve à criação dos anteriormente aludidos Programas de Formação de Professores da Educação Básica pela Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB/CAPES, ocorrida na última década. Pela mesma razão, temos que 82,35% desse tipo de projeto são financiados – pois integram as políticas acima referidas. Com exceção de bolsa advinda da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (1 projeto), os projetos financiados estão vinculados aos seguintes programas da CAPES: Programa de Residência Pedagógica (1 projeto); Programa de Consolidação das Licenciaturas - Prodocência (hoje desativado) (1 projeto); Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR (1 projeto); Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID (10 projetos).

Os números aqui apresentados são extraídos do levantamento mencionado no começo da presente seção. Não se pode afirmar que seriam os mesmos caso os/as autores/as restringissem os títulos de suas produções àquelas estritamente da área. Mas essa é uma discussão que, infelizmente, não cabe no escopo do presente artigo: o que caracteriza as produções na área de Ensino de Filosofia e quais são os limites destas com relação à Educação, à Filosofia da Educação e à própria Filosofia? Certamente um tema de sumo interesse para o estabelecimento do Ensino de Filosofia como campo de conhecimento.

Por ora, contudo, limitamo-nos ao possível: o mapeamento e a análise das produções daquelas e daqueles que fazem parte do GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar*, produções que segundo suas autoras e autores e/ou segundo o entendimento da autora do presente texto, constituem o acervo de Ensino de Filosofia produzido no âmbito do referido grupo de trabalho. Se não há precisão quanto aos números, ao menos houve o esforço do mapeamento das produções, usualmente dispersas e pouco divulgadas entre

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

nós. Um inventário que certamente permitirá escavarmos matéria-prima para futuras pesquisas.

Há muito o que fazer [...] a partir do delineamento de um campo de estudos mais amplo no âmbito da história do ensino de filosofia. Porém, [...] mais importante e urgente é o trabalho, mais modesto e braçal, de retirar da poeira dos arquivos a matéria-prima para qualquer reflexão propriamente histórica sobre o ensino da filosofia: o levantamento daquelas tradições a partir da pesquisa nas fontes primárias. Apesar dos esforços de alguns filósofos que se interessam pela questão do sentido do exercício da filosofia nos trópicos e sua história [...], há pouquíssimos estudos históricos acerca da prática docente de filosofia no magistério. (CEPPAS, 2010, p. 172)

No caso específico da área de Ensino de Filosofia, como atenta Ceppas, as fontes primárias não se restringem aos clássicos: o que defendem nossos pares? Que ideias têm de formação docente em Filosofia? Entende-se que o inventário realizado das produções bibliográficas do GT seja pretexto – pré-texto para que possamos ler uns aos outros, umas às outras, uns às outras e umas aos uns; para que possamos nos auto referenciar, dialogar com os/as colegas, seus textos, suas ideias. E com as interpretações que daí extraímos. Afinal, o Ensino de Filosofia é, antes, uma prática social: atividade realizada “por um conjunto de indivíduos que produzem conhecimentos, e não apenas ao conjunto de conhecimentos produzidos por esses indivíduos em suas atividades” (MIGUEL et al, 2004, p. 82).

Considerações finais

Ao apresentar, a partir da análise do número de publicações do GT *Filosofar e Ensinar a Filosofar*, o que intitulamos de “brevíssimo estado da arte” do Ensino de Filosofia, o presente artigo não procurou propriamente responder a um determinado problema. Objetivou-se tão somente sinalizar que já há um número significativo de pesquisadores e pesquisadoras não só se dedicando à temática em voga como também publicizando suas ideias e ações.

Ciente de que “o que se produz enquanto conhecimento nas reflexões e pesquisas na academia socializa-se não de imediato, mas, em uma temporalidade histórica, e essa história construída nas relações sociais concretas seleciona aspectos dessa produção no seu processo peculiar de disseminação e apropriação” (GATTI, 2003, p. 390), o trabalho de mapeamento daquilo que já há em termos de pesquisa em

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

Ensino de Filosofia – aqui apenas revelado em números, não em títulos – não objetiva um impacto acadêmico imediato. Não obstante, vislumbra-se algum papel social em um sentido mais modesto e localizado, igualmente reconhecido por Gatti (2003, p. 390) em seus estudos sobre pesquisa em educação:

[as pesquisas sobre formação de professores] deixam marcos no espaço e na cultura onde são produzidas, pelo menos no sentido dos grupos e instituições envolvidas, integrando um processo formativo que, mesmo limitado em sua abrangência imediata, alcança o social e outros âmbitos institucionais regionais pelas sucessivas turmas de educandos que as portam e transportam para outras situações. Neste âmbito elas têm um papel.

Referências:

ALENCAR, Marta Vitória; CARNEIRO, Silvio Ricardo G.; CORREIA, Adriano; PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Filosofar e ensinar a filosofar*. São Paulo: ANPOF, 2017. (Coleção XVII Encontro ANPOF).

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos: PNL D 2015: filosofia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

_____. Ministério da Educação. *PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos – Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

CEPPAS, Filipe. “Anotações sobre a história do ensino de filosofia no Brasil”. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (Org.). *Filosofia: ensino médio*. Coleção Explorando o Ensino, v. 14. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 171-184.

CILENTO, Ângela; PEREIRA, Marinê; VELASCO, Patrícia. Apresentação. In: ____ (Org.). *II Encontro Nacional PIBID-Filosofia: memórias e reflexões*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017, p. 16-18.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter. Apresentação. In: ____ (Org.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-10.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores, pesquisa e problemas metodológicos. *Contrapontos*, Itajaí, v. 3, n. 3, p. 381-392, set./dez. 2003.

VELASCO, Patrícia Del Nero
Ensino de Filosofia como Campo de Conhecimento: brevíssimo estado da arte

GELAMO, Rodrigo Pelloso. O ensino da filosofia no Brasil: um breve olhar sobre algumas das principais tendências no debate entre os anos de 1934 a 2008. *Educação e Filosofia*, v. 24, p. 331-350, 2010.

GUIMARÃES, Marcelo Senna. A pesquisa do professor de filosofia no ensino médio. In: CARVALHO, Marcelo; FIGUEIREDO, Vinícius (Org.). *Filosofia Contemporânea: Arte, ciências humanas, educação, religião*. 1ed. São Paulo: ANPOF, 2013, v. 9, p. 341-351.

LA SALVIA, André Luís. Construindo imagens para a filosofia: discussão sobre algumas definições introdutórias ao seu ensino. *Kínesis*, v. 10, nº 24 (Edição Especial), dezembro 2018, p. 13-30.

MENDES, Ademir; HORN, Geraldo. Olimpíadas de Filosofia do NESEF: a experiência do filosofar no Ensino Médio. *Revista do NESEF Filosofia e Ensino*, v.5, p. 30-45, jan./jun. 2015.

MIGUEL, Antonio; GARNICA, Antonio Vicente; IGLIORI, Sonia Barbosa; D'AMBRÓSIO, Ubiratan. A educação matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua disciplinarização. *Revista Brasileira de Educação*, nº 27, p. 70-93, Set-Dez. 2004.

PERENCINI, Tiago Brentam. *Uma arqueologia do ensino de filosofia no Brasil: formação discursiva na produção acadêmica de 1930 a 1968*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

RODRIGO, Lidia Maria. Aprender filosofia ou aprender a filosofar: a propósito da tese kantiana. In: GALLO, Silvio; DANELON, Márcio; CORNELLI, Gabrielli (Org.). *Ensino de Filosofia: teoria e prática*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004, p. 91-99.

VELASCO, Patrícia Del Nero. Olimpíadas de Filosofia do Estado de SP: práticas colaborativas do ensino-aprendizagem filosófico”. *Revista do NESEF Filosofia e Ensino*, v.1, p. 8-13, 2014.

_____. O que é isto – o PROF-FILO? *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 44, p. 76-107, jan.-jun. 2019.